

A(S) HETEROTOPIA(S) DE FOUCAULT: ANÁLISE DE UM CONCEITO INTERROMPIDO

FOUCAULT'S HETEROTOPIA(S): ANALYSIS OF AN INTERRUPTED CONCEPT

Felipe Cardoso Vale Pires¹
Ildenilson Meireles²

Resumo: Michel Foucault define o espaço como fundamental em todas as formas de vida comunitária e exercício de poder, abordando-o como um conceito socialmente construído que engloba lugares, territórios e populações. O filósofo propôs, na década de 1960, o conceito de heterotopias como lugares que desafiam e contestam outras formas de organização espacial. Diferenciando-os das utopias, Foucault sugere que espaços heterotópicos, tais como o barco, têm a capacidade de transitar entre diferentes realidades, enquanto desempenham um papel fundamental na crítica ao espaço real e nas relações de poder. No entanto, a proposta conceitual de heterotopias parece interrompida pois Foucault não desenvolve completamente esse conceito em suas obras posteriores. Não obstante, o conceito tem sido aplicado desde sua gênese de modo multidisciplinar para discutir o espaço em diversos campos do conhecimento. Diante disso, o objetivo deste trabalho é analisar o conceito de heterotopia considerando sua importância para as relações de poder e seus efeitos em análises posteriores apesar da interrupção de seu uso na obra de Foucault. Como problema, destacamos a oscilação do conceito em domínios diferentes e certa dificuldade em tomá-lo como conceito-chave de leitura da obra em virtude da escassez de análise em textos do filósofo posteriores aos aqui analisados. Metodologicamente, nossa análise parte de uma leitura estrutural dos textos que tratam do conceito de heterotopia, avança para a comparação entre ambos e lança pistas interpretativas em relação aos vários sentidos do conceito. Nossa conclusão é que mesmo com a ausência de análises na obra em seu conjunto, as notas em torno do conceito fornecidas por Foucault permitem a utilização da heterotopologia como uma ferramenta de análise do espaço e das relações sociais a ele associadas.

Palavras-chave: heterotopia, Foucault, utopia, relações de poder.

Abstract: Michel Foucault defines space as fundamental in all forms of communal life and the exercise of power, approaching it as a socially constructed concept that encompasses places, territories, and populations. In the 1960s, the philosopher proposed the concept of heterotopias as places that challenge and contest other forms of spatial organization. Differentiating them from utopias, Foucault suggests that heterotopic spaces, such as the ship, have the ability to transition between different realities while playing a crucial role in the critique of real space and power relations. However, the conceptual proposal of heterotopias seems interrupted, as Foucault does not fully develop this concept in his later works. Nevertheless, the concept has been applied since its inception

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). E-mail: felipepires.cvp@gmail.com

² Doutor em Filosofia; professor do PPGDS/Unimontes e do Departamento de Filosofia da Unimontes. E-mail: meirelesildenilson@gmail.com

A(S) HETEROTOPIA(S) DE FOUCAULT: ANÁLISE DE UM CONCEITO INTERROMPIDO

FELIPE CARDOSO VALE PIRES
ILDENILSON MEIRELES

in a multidisciplinary way to discuss space in various fields of knowledge. Considering this, the aim of this paper is to analyze the concept of heterotopia considering its importance for power relations and its effects on subsequent analyses despite the interruption of its use in Foucault's work. The problem highlighted is the oscillation of the concept in different domains and the difficulty in taking it as a key concept for reading his work due to the scarcity of analysis in the philosopher's later texts. Methodologically, our analysis starts with a structural reading of the texts that address the concept of heterotopia, advances to a comparison between them, and offers interpretative clues regarding the various meanings of the concept. Our conclusion is that even with the absence of analyses in his overall work, the notes around the concept provided by Foucault allow the use of heterotopology as a tool for analyzing space and the social relations associated with it.

Keywords: heterotopia, Foucault, utopia, power relations

Introdução

Em *Espace, savoir et pouvoir*, entrevista do início da década de 1980, Michel Foucault afirma que o “espaço é fundamental em toda forma de vida comunitária; (...) em todo exercício do poder” (Foucault, 1994, p. 282). Por “espaço”, entende-se o espaço socialmente construído, o lugar com seus significados, os territórios e as populações aí circunscritas. Neste período, o filósofo já havia acumulado obra de porte, onde discorreu, dentre outros temas, sobre as mudanças nas formas de governar que ocorreram no ocidente a partir da modernidade, em especial nos séculos XVIII e XIX. A política, como arte de governar, passou a integrar conhecimentos relacionados ao urbanismo com vistas à racionalização das ações governamentais sobre o espaço das cidades. Para governar já não bastava mais administrar um território. Tornou-se necessário lidar com a sociedade em toda sua complexidade e o fenômeno a ser administrado, a partir das novas configurações sociais, era o da população. Na busca de direção, utopias e projetos de governo passaram a aparecer aqui e acolá. A racionalidade governamental foi se transformando, saindo da lógica do controle direto, da disciplina e da punição, tal como praticada na idade clássica, em direção a uma racionalidade voltada para o não intervencionismo, para governar apenas o “suficiente”.

Porém, o Foucault dos anos 1980 é o já famoso proponente da biopolítica e da governamentalidade, muito mais maduro do que o Foucault da década de 1960, ainda em sua fase *arqueológica*. Neste primeiro momento, embora o interesse do pesquisador pelo espaço real possuísse já feições críticas, o caráter prevalente é poético. É com essa abordagem que,

A(S) HETEROTOPIA(S) DE FOUCAULT: ANÁLISE DE UM CONCEITO INTERROMPIDO

FELIPE CARDOSO VALE PIRES
ILDENILSON MEIRELES

ao observar lugares reais e suas propriedades de justaposição, de relacionamento interdependente, não absoluto, Foucault abre caminho para uma nova forma de se descrever espaços, e se intitula como responsável pela inauguração da “heterotopologia”. Nessa “nova ciência”, que bem poderia se consumir numa pesquisa de fôlego por parte do filósofo, a ideia seria estudar as “utopias que possuem lugar preciso e real”: as “heterotopias” (Foucault, 1966).

A heterotopia por excelência, segundo Foucault, é o barco, pois este se constitui num pedaço de espaço flutuante, um lugar sem lugar, fechado em si e ao mesmo tempo livre, entregue à imensidão do mar. O barco se distingue por sua capacidade de transitar, fisicamente, entre heterotopias extremas, diametralmente opostas em suas formas de conexão com outros espaços reais, tais como colônias, as chamadas heterotopias de ordem, e bordeis, as heterotopias de ilusão.

No entanto, este esboço conceitual, desenvolvido principalmente em dois textos dos anos 1960, parece se interromper ainda prematuramente, talvez por não ter se desenvolvido na forma como o autor pretendia inicialmente. Para uma compreensão mais precisa, faz-se necessária pesquisa extensa, que ainda assim pode não resultar em uma resposta categórica. Resta, portanto, como fim deste trabalho, analisar os textos disponíveis através de uma leitura comparada para conhecer a heterotopologia tal como foi proposta pelo autor em sua gênese.

A(s) heterotopia(s) de Foucault

Na década de 1960, período em que publicou *Les mots et les choses: une archéologie des sciences humaines*, Foucault produziu também ao menos três ensaios relacionados ao espaço e à utopia. Na forma de transmissões radiofônicas, ganharam especial atenção *Le corps utopique* e *Les heterotopies*, ambas realizadas em dezembro de 1966. Essa última foi reestruturada e proferida, em 1967, no *Cercle d'études architecturales* (CEA). Contudo, agora sob o título de *Des espaces autres*, a revisão receberia autorização para publicação apenas em 1984, quase vinte anos após sua elaboração. Nestes textos, o autor apresenta uma série de reflexões pessoais acerca das utopias e das chamadas heterotopias.

A primeira contraposição entre estas categorias espaciais é feita ainda em *Les mots e les choses*, já no prefácio do livro, sem qualquer definição prévia do que seriam heterotopias. “As utopias consolam”, afirma Foucault, e embora não sejam lugares reais, florescem em

A(S) HETEROTOPIA(S) DE FOUCAULT: ANÁLISE DE UM CONCEITO INTERROMPIDO

FELIPE CARDOSO VALE PIRES
ILDENILSON MEIRELES

espaços maravilhosos, ainda que o acesso a elas seja quimérico. As heterotopias, por sua vez, inquietam. Minam secretamente a linguagem, e impedem que se juntem as palavras e as coisas³. As utopias admitem fábulas, enquanto as heterotopias “desnudam os mitos e golpeiam com esterilidade o lirismo das frases” (Foucault, 1990).

Foucault atribui a um texto de Borges o caráter de heterotópico, quando este relata uma suposta lista chinesa “impossível” de animais, que mistura tipos de classificação impensáveis, tais como “a) animais pertencentes ao imperador, b) embalsamados (...), i) que se comportam como loucos (...), n) que de longe se parecem com moscas.” O caráter impossível viria do fato de classificar, numa ordem razoável (a, b, c, d...), elementos tão dispares. Essa justaposição, para Foucault, só poderia acontecer numa página de um livro, “no não-lugar da linguagem” (Foucault, 1990).

Se em *Les mots et les choses*, bem como em outros textos, o autor inicia com uma definição clara do conceito convencional de utopia (lugar sem lugar, lugar que não existe a não ser na cabeça dos homens), não tarda a daí se despregar para explorar tangencias. Em *Le corps utopique* (Foucault, 1966), o corpo, algo contrário à utopia, se torna lugar absoluto, com suas falhas, suas dores, fragmento de espaço ao qual estamos irremediavelmente condenados. Por isso é que, contra o corpo, criamos utopias, lugares fora do lugar que nos permitem possuir corpos sem corpos, límpidos, belos, infinitos em duração. Há também utopias feitas para apagar os corpos, tais como nos legou a civilização egípcia com suas necrópoles. Conclui, contudo, que a utopia mais potente, que nos apaga a triste topologia do corpo, é o mito ocidental da alma.

Ao explorar o corpo humano como ator principal das utopias, posto que é ao seu redor que tudo acontece, Foucault afirma que a máscara, a tatuagem, a maquiagem, a vestimenta projetam o corpo em outro espaço. Um espaço além, mas ainda assim no mundo. Em contrapartida, o que nos faria retornar ao mundo, existir fora da utopia, seria sentir o corpo em toda sua materialidade. É isso que acontece quando se faz amor, quando se sente um corpo unido a outro.

Foucault mantém um tom poético em todo o texto, se contradiz sem qualquer vexame, retoma elementos e os transforma ao longo da argumentação, demonstrando claramente não haver ali um princípio científico. O corpo, que em análises posteriores na obra do autor ganhará relevância na discussão sobre o poder, é aqui dado como matéria, a alma é tida como

³ (...) « tenir ensemble » (...) *les mots et les choses*.

A(S) HETEROTOPIA(S) DE FOUCAULT: ANÁLISE DE UM CONCEITO INTERROMPIDO

FELIPE CARDOSO VALE PIRES
ILDENILSON MEIRELES

uma utopia, e entre eles, uma série de mundos no mundo que só podem ser experienciados a partir do corpo, “nó utópico” elementar.

Um desses mundos é o cemitério, utopia dos mortos, “contra-mundo”. O cemitério possui caráter especial nessa discussão. Em *Le corps utopique*, a morte e o cadáver (corpo morto) são elementos indutores da sensação de materialidade, da unidade do corpo, espelhos (lacanianos?) que permitem que nosso corpo não seja pura e simples utopia. Embora com leituras bastante diversas, o cemitério também está presente nas duas transmissões radiofônicas de 1966. Tal como em *Le corps utopique*, a transmissão intitulada *Les heterotopies* possui caráter literário marcante. Essa característica foi bastante alterada em *Des espaces autres*, conferência realizada em 1967, mas publicada só mais tarde. O último texto, embora seja claramente uma revisão da transmissão anterior, possui algumas diferenças que marcam uma mudança de concepção e, quem sabe, dão sinal de um possível desgaste conceitual prematuro. Para permitir essa discussão, convém realizar uma leitura comparada.

O texto de 67 faz uma breve introdução e nos apresenta uma “história do espaço”, cronologia ausente no texto de 66. Essa cronologia afeta a forma como serão tratadas as heterotopias. Em *Des espaces autres* (Foucault, 1994), a Idade Média possui espaços hierarquizados, opostos, tais como cidade ou campo, sagrado ou profano, protegido ou indefeso, que constituem “espaços de localização”. Contudo, ao substituir a terra pelo sol como centro do universo no século XVII, continuando as revoluções científicas inauguradas por Ptolomeu e Copérnico, Galileu realiza também uma expansão do espaço, que se abre infinitamente a partir da modernidade. Dissolve-se o espaço de localização, e se inaugura o “espaço de extensão”.

Contemporaneamente, e aqui já há um conceito que altera o conteúdo dos textos em comparação, uma nova forma de espaço substitui a extensão indefinida de Galileu: *sítios*⁴.

⁴ O termo *sítio* foi escolhido como suficientemente adequado já que o original, *emplacement*, não possui tradução direta adequada para o português. Seu significado em francês, conforme o *Dictionnaire de l'Académie Française* (<https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A9E1172>):

1. *Espace de terrain réservé pour l'édification d'un bâtiment, l'exercice d'une activité.*
2. *Place effectivement occupée.*

No português, outras palavras sinônimas que talvez possuam o significado aproximado são: lugar, localização, posição. Contudo, em todas essas se deve adicionar um sentido de posição relacional, de localização geográfica, de posição de terreno onde se executam atividades ou se constrói. Outros sinônimos associados ao campo da arquitetura são: situação e implantação. O termo *sítio* é usado em algumas versões do texto original para o português. Em uma tradução do ano de 2013, de Ana Cristina Arantes Nasser, publicada na revista *Estudos Avançados* n°27, foi usado o termo *alocação*.

A(S) HETEROTOPIA(S) DE FOUCAULT: ANÁLISE DE UM CONCEITO INTERROMPIDO

FELIPE CARDOSO VALE PIRES
ILDENILSON MEIRELES

Esse tipo de espaço se define pelas relações de vizinhança entre elementos (Foucault, 1994). Os sítios foucaultianos são espaços discretos reais, ou seja, instâncias de uma das possíveis posições que se pode ocupar num conjunto de posições, tal como numa vaga de estacionamento, por exemplo (Dehaene e De Cauter, 2008, p. 23-24).

Efetivamente, o problema do *sítio* se apresenta ao homem em termos de demografia: quais tipos de relação de vizinhança, de armazenamento, de circulação devem ser trabalhados para atender a este ou aquele fim. Aqui já se observa o germe da biopolítica e da gestão dos territórios que serão temas decursos futuros no *Collège de France*. De todo modo, a maior diferença entre os textos em termos de estrutura e conteúdo termina por aqui. Embora o trecho seja relativamente curto, implica numa proposta terminológica diferente daquela apresentada no texto de 66, onde os espaços não recebiam classificação outra que não a de “heterotopias”. Mas antes de conceituar as heterotopias é preciso retomar a descrição de utopia. Aqui reside uma enorme diferença com o que foi apresentado previamente em *Le corps utopique*, e mesmo entre os textos de 66 e 67. Em sua primeira versão (66), muito mais literária, Foucault nos traz uma definição das utopias com caráter poético, descrevendo-as como países sem lugar e histórias sem cronologia, com cidades nascidas da cabeça dos homens, do interstício de suas palavras, no lugar sem lugar de seus sonhos (Foucault, 1966). Portanto, segue ainda a base exposta em *Les mots et les choses*. Sua segunda versão (67), bem mais econômica, vai direto ao assunto: utopias são *sítios* sem lugar real, que possuem relação de analogia direta ou indireta com o espaço real da sociedade (Foucault, 1994).

Em oposição à definição dada aos “lugares sem lugar” que as utopias convencionais se prestam a delinear, Foucault, com muito mais ânimo, empreende a descrição dos espaços reais em que vivemos. É interessante perceber que estes espaços não se limitam a lugares fixos, nem a ambientes construídos, sejam eles fechados ou abertos. De outro modo, o autor os categoriza como espaços de passagem, como ruas e trens; regiões abertas de estadia transitória, como cafés, cinemas, praias; e regiões fechadas para repouso, como a casa, o quarto ou até mesmo a cama. Porém, há espaços entre estes que possuem propriedades contraditórias em suas relações com outros espaços. Uma das razões que permitiria tal relação parece ser o fato de que, diferentemente do tempo, o espaço ainda não foi totalmente dessacralizado.

São, portanto, estes “contra-espaços” que interessam ao filósofo, que pretende criar um campo descritivo chamado heterotopologia. Mas há aqui um recuo evidente quando se

A(S) HETEROTOPIA(S) DE FOUCAULT: ANÁLISE DE UM CONCEITO INTERROMPIDO

FELIPE CARDOSO VALE PIRES
ILDENILSON MEIRELES

empreende uma leitura comparada: enquanto o texto de 66 afirma estarem lançadas as bases de uma “ciência”, o texto de 67 é uma retomada humilde a uma “leitura” desses espaços diferentes, com direito à ressalva de que o termo ciência é muito carregado de significados e que, portanto, não se aplicaria adequadamente ao que o autor se propõe. Tal movimento não é estranho à metodologia foucaultiana, cuja produção é caracterizada por uma genealogia não determinista e flexível, capaz de incorporar mudanças de entendimento ao longo do seu desenvolvimento.

Apesar do recuo, a base analítica do texto se mantém. Uma série de princípios comuns às heterotopias é apresentada sequencialmente de modo a caracterizar as propriedades destes espaços, renomeados de modo mais criterioso como *sítios* no texto de 67. O primeiro destes princípios é o de que é provável que todas as sociedades possuam heterotopias. Essas se dividiriam em dois grandes grupos: as de crise e as de desvio. Em sociedades ditas primitivas, por exemplo, há espaços privilegiados, ou sagrados, ou proibidos, em geral reservados às “crises biológicas”, tais como casas para adolescentes em puberdade, mulheres em período menstrual ou prestes a dar à luz.

Nas sociedades modernas, essas heterotopias tendem a desaparecer e a ser substituídas por outras relacionadas ao desvio com relação à norma: clínicas psiquiátricas, prisões, casas de repouso (a ociosidade em nossa sociedade atarefada é um desvio). Há aqui um ponto interessante: a observação de Foucault acerca das casas de repouso muda de justificativa. Se em 66 o ócio era um desvio em função de valorizarmos uma vida atarefada, em 67 é o “lazer nos obriga” (Foucault, 1994). O ócio se mantém como falha, mas seu contraponto não é mais o trabalho, e sim o lazer. O texto, contudo, não dá pistas para entender a mudança de posicionamento (embora seu trabalho posterior nos deixe claro que a sociedade contemporânea vai se tornando positiva, estimuladora, produtiva, em oposição ao poder construtivo precedente).

O segundo princípio é de que as sociedades podem alterar o funcionamento de heterotopias existentes, eliminá-las ou organizar novas. Dois exemplos são dados no texto de 66: casas de prostituição (exemplo ausente no texto de 67) e os cemitérios. As casas de prostituição quase desapareceram da Europa contemporânea. Já o cemitério, heterotopia evidente dado que é absolutamente *o outro* lugar, o lugar do além, não possuía valor solene até por volta do século XVIII. Curiosamente, quando a sociedade vai se tornando mais “ateia”, estes locais ganham atenção especial. Túmulos são individualizados, cemitérios são

A(S) HETEROTOPIA(S) DE FOUCAULT: ANÁLISE DE UM CONCEITO INTERROMPIDO

FELIPE CARDOSO VALE PIRES
ILDENILSON MEIRELES

deslocados para a margem das cidades para afastar infecções, e os tuberculosos ganham cemitérios próprios, separados, num tipo de sobredeterminação da heterotopia (heterotopia da heterotopia?).

O terceiro princípio versa sobre a capacidade de justaposição da heterotopia, que em um só lugar sobrepõe diversos espaços que normalmente seriam incompatíveis. O teatro e o cinema são exemplos claros, que permitem a criação e sucessão de cenas com lugares estranhos uns aos outros. Os jardins são apresentados como as mais antigas heterotopias, com suas significações mágicas, capazes de reunir espécies vegetais de diferentes lugares do mundo, e conter espaços comuns e espaços sagrados num só ambiente, que alcança sua perfeição simbólica. Embora não o cite, é bem provável que haja aqui um flerte com o jardim do Éden, mito fundador ocidental. Além disso, o texto de 66 afirma que os jardins são, desde a antiguidade profunda, lugares de utopia onde se situam romances. Essa observação se perde no texto de 67, bem como a ênfase poética nos antigos tapetes persas, cujo papel era de reprodução simbólica dos jardins reais.

O quarto princípio versa sobre a relação das heterotopias com o tempo. Fala, portanto, de heterocronias de diversos tipos. As ligadas ao tempo através da festa são crônicas, transientes, tais como o teatro, as feiras e, mais recentes em nossa civilização, as estâncias de férias. Ou seja, os destinos turísticos em geral, aos quais é possível adicionar hoje os chamados centros históricos. Estes inclusive, situam-se num tipo de paradoxo, pois poderiam facilmente se encaixar na categoria das eternas, aquelas heterotopias onde o tempo não corre mais, tal como os cemitérios. Há também museus e bibliotecas, espaços onde o tempo se acumula infinitamente. Foucault ressalva aqui que a ideia de parar o tempo e acumular todo tipo de informação é tipicamente moderna e própria de nossa cultura (Foucault, 1994).

O quinto princípio se refere aos sistemas de abertura e fechamento das heterotopias, isolando-as com relação ao espaço circundante. Entramos constritos em prisões e casernas, e não por mera vontade. Em outros espaços, tais como os religiosos, a entrada pode ser controlada por ritos de purificação, a qual pode ser meio religiosa, meio higiênica. Porém, há heterotopias que são abertas, mas possuem a propriedade de lhe manter de fora, tal como as edificações rurais sul-americanas do século XVIII (as brasileiras em especial) que possuíam cômodo junto à porta de entrada, muitas vezes sob o alpendre, destinado ao visitante de passagem. Esses quartos não se comunicavam diretamente com a morada da família, e permitiam ao viajante o uso sem contato com os moradores.

A(S) HETEROTOPIA(S) DE FOUCAULT: ANÁLISE DE UM CONCEITO INTERROMPIDO

FELIPE CARDOSO VALE PIRES
ILDENILSON MEIRELES

O sexto princípio, adicionado no texto de 67 de modo a reorganizar ideias já presentes no texto de 66, é o de que as heterotopias possuem função. O que elas possuem de mais essencial é que elas são a contestação de todos os outros espaços, e isso se dá de duas maneiras. Os espaços de contestação podem se contrapor através da denúncia: lugares ilusórios capazes de apontar o restante da realidade como ilusão ainda mais forte. Isso ocorre, por exemplo, com as casas de tolerância. São lugares que parecem abertos, já que qualquer um pode entrar. Contudo, bordéis e prostíbulos guardam mistérios próprios, indisponíveis para os não iniciados. Nestes espaços, a iniciação seria uma forma de sutil disrupção da realidade.

A outra forma de contestação é a criação de uma compensação, de outro espaço real, tão perfeito e organizado quanto o nosso é desorganizado e mal agenciado. Os exemplos explorados são as colônias do século XVIII. Foucault vai das colônias puritanas inglesas, economicamente úteis, mas também carregadas de valor imaginário, às reduções jesuíticas sul-americanas, onde afirma que ali se realizou o regime comunista mais perfeito que já se viu. Nestas heterotopias reinaria a ingenuidade de se acreditar na possibilidade de se criar espaços de fato perfeitos.

Um conceito “interrompido”, mas não perdido

Foucault deu-se uma interessante tarefa: estudar criticamente a forma como os espaços se justapõem, classificá-los, descobrir princípios fundadores e amplos o suficiente para, quiçá, inaugurar uma ciência. Porém, o fez pouco antes de alterar o olhar e o desviar em direção a uma metodologia voltada para “genealogias”. Os espaços heterotópicos por ele apresentados podem ser tomados em múltiplas perspectivas, aparentemente contraditórios por se tratar, em certa medida, de justaposições. É certo que o conceito de heterotopia não pode ser tomado como chave de leitura de toda a obra foucaultiana, mas serve bem a análises precisas em campos distintos como a geografia, a pedagogia, a sociologia, a literatura, a arquitetura, por exemplo. Não é nosso intuito mapear os vários domínios e usos diversos do conceito para os quais há uma literatura já relevante⁵. De todo modo, esse uso múltiplo se deve ao fato de que a

⁵ Para uma análise mais aprofundada dos usos do conceito, ver, por exemplo, DEHAENE, Michiel; DE CAUTER, Lieven (eds.). *Heterotopia and the City: Public Space in a Postcivil Society*. New York; London: Routledge, 2008; GUATELLI, Igor. *Arquitetura dos entre-lugares. Sobre a importância do trabalho conceitual*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012; JOHNSON, Peter. *The Geographies of Heterotopia*. In *Geography*

A(S) HETEROTOPIA(S) DE FOUCAULT: ANÁLISE DE UM CONCEITO INTERROMPIDO

FELIPE CARDOSO VALE PIRES
ILDENILSON MEIRELES

classificação pensada por Foucault para a utilização do conceito se anuncia flexível e de natureza fluida, mas sem um domínio fixo. Talvez isso se deva justamente à falta de investimento teórico por parte do filósofo ao tema. Tanto é que o próprio Foucault, ao postergar por quase 20 anos a publicação do texto de 67, praticamente abandona uma proposta ainda nascente. Aparentemente, não há outros textos foucaultianos que tratem as heterotopias além dos apresentados ao longo deste ensaio.

Contudo, o conceito foucaultiano de heterotopia, muito mais que ciência, é, além de inspiração, um conceito-chave para a compreensão do espaço. Serve pouco como esquema efetivo de classificação, mas nos abre os olhos para o papel do espaço real nas intersubjetividades. Deixa claro que compreende que os espaços não são absolutos em si, mas comunicam-se numa complexa rede de significados e valores socialmente definidos, que se alteram ao longo da história. Embora não seja ainda esse o seu foco, já se pode perceber que, ao estabelecer como papel das heterotopias o de elementos funcionais contestatórios, indica que a crítica ao espaço real é fundamental na compreensão das relações de poder.

Talvez seja esse o conjunto de razões que implicou num abandono prematuro do conceito recém-elaborado. A dificuldade em estabelecer um conjunto coerente de princípios, a mudança metodológica em curso e a revisão gradual da abordagem enquanto pesquisador impactam na tentativa de se construir uma heterotopologia suficiente em si mesma. E talvez seja por isso que Foucault tenha conservado a versão de 66, e “escondido” a versão de 67 por tantos anos. Talvez ele o tenha feito por ter percebido que sua primeira versão, com seu caráter literário, contribuía muito mais para com a imaginação do seu leitor/ouvinte, e que por isso cumpria seu papel inspirador e questionador, enquanto o discurso mais “humilde” da segunda versão poderia pôr a perder toda a poética empreendida no texto inaugural. Talvez não seja um abandono conceitual em si, mas uma escolha possivelmente inspirada por Bachelard (que de fato está presente ao longo dos textos): melhor apostar na poética do espaço com todas as suas variantes de cores, paixões e sonhos, que em uma tridimensionalidade homogênea, neutra e inócua.

Compass, 7/11, 2013, p. 790-803; MARTINS, Carlos José. Utopias e heterotopias na obra de Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. L.; VEIGA-NETO, Alfredo. *Imagens de Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: DP & A, 2002, p. 85-98; Navarro Swain, Tania. "Les hétérotopies féministes: espaces autres de création." *Labrys, études féministes*, no. 3, (janvier/juillet 2003); Teyssot, Georges. "Heterotopias and the history of spaces." *Architecture and Urbanism* 121, no. 10 (October 1980): 79–110.

A(S) HETEROTOPIA(S) DE FOUCAULT: ANÁLISE DE UM CONCEITO
INTERROMPIDO

FELIPE CARDOSO VALE PIRES
ILDENILSON MEIRELES

Referências

DEHAENE, M.; DE CAUTER, . *Heterotopia and the city: public space in a postcivil society*. 1. ed. [S.l.]: Routledge, 2008.

FOUCAULT, M. "Le corps utopique", 1966. Disponível em: <<https://ecole-lacanianne.net/wp-content/uploads/2017/05/8-Foucault-corps-utopique.pdf>>. Acesso em: Julho 2023.

FOUCAULT, M. "Les Heterotopies - Conférence radiophonique sur France-Culture", 1966. Disponível em: <<http://oiselet.philo.2010.pagesperso-orange.fr/OC/Foucault.%20Conference.pdf>>. Acesso em: Julho 2023.

FOUCAULT, M. *Les mots et les choses: Une archéologie des sciences humaines*. [S.l.]: Gallimard, 1990.

FOUCAULT, M. Des Espaces Autres, nº360. In: _____ *Dits et écrits, Tome IV, 1980-1988*. [S.l.]: Gallimard, 1994. p. 752-762.

FOUCAULT, M. Espace, savoir et pouvoir, nº310. In: _____ *Dits et écrits, Tome IV, 1980-1988*. [S.l.]: Gallimard, 1994. p. 270-285.

Data de submissão: 28/05/2024

Data de aprovação: 26/08/2024